

A visão teológica do médico

Olavo Pires de Camargo^I, Luiz Eugênio Garcez Leme^{II}

Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP)

Ao contrário do que o título possa sugerir, não abordaremos aqui conhecimentos filosóficos ou teológicos dos profissionais médicos, certamente necessários, mas, infelizmente, geralmente escassos na quase totalidade dos profissionais. O título se refere, mais propriamente, à autoimagem do médico, o que ele vê quando se olha no espelho, e como abordar esta condição no ensino médico.

É conhecida, com alguma razão, a anedota que pergunta: “Qual é a diferença entre o médico e Deus?” E a resposta certa: “É que Deus não acha que é médico!”

Essa noção de poder e de autossuficiência, mais comum em tempos passados, ainda existe em alguns profissionais, geralmente os menos preparados, que, de alguma maneira, tentam suprir o desconhecimento com a jactância, a arrogância e a autocentrada percepção do mundo. Infelizmente, ainda se pode ouvir quem diga àquele paciente que “está melhor graças a Deus” a resposta do “doutor”: “Graças a Deus não, graças a mim!” — numa manifestação quase patológica de vaidade e egoísmo.

Alguns poderiam ver algum paralelismo entre esta autossuficiência e a segurança que o profissional deve passar ao paciente. Nada a ver! Entre a segurança do conhecimento médico que autoriza a orientar e exigir do paciente e esta manifestação pândega de vaidade, permeia uma

distância cósmica! Vale aqui o aforisma que diz que o agressivo é sempre um inseguro.

Apenas para citar um dos grandes mestres da medicina em nosso meio, o Professor Luiz Dècourt, paradigma de médico e professor, caracterizava-se tanto por um conhecimento e uma habilidade médicas acachapantes quanto por uma simplicidade de trato, uma simpatia e caridade no trato aos pacientes indistintamente comoventes.

Por outro lado, a imagem do médico com um poder teológico de decisão, que nunca foi bem vista pelos pacientes e pela população, como se pode ver nos clássicos como Molière, é cada vez mais desgastada pela divulgação de dados de saúde que podem dar a sensação da autonomia dos leigos. Muitos imaginam que as informações agora disponíveis em aplicativos ou na rede mundial podem substituir o médico, outrora detentor de um monopólio da informação de saúde.

É emblemática a matéria publicada em “*O Estado de São Paulo*”,¹ citando uma entrevista sobre o novo relógio da Apple e sua utilização na medicina, de Vic Gundotra. Ex-vice-presidente do Google e hoje diretor executivo da AliveCor, *startup* que fabrica aparelhos de eletrocardiograma portáteis, ele afirma: “os dispositivos colocarão os pacientes em pé de igualdade com os médicos porque eles (os pacientes – inserção nossa) terão mais informações

^IProfessor titular do Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

^{II}Professor associado do Departamento de Ortopedia e Traumatologia e Departamento de Clínica Médica (Geriatria) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

Editor responsável por esta seção:

Olavo Pires de Camargo, Professor titular do Departamento de Ortopedia e Traumatologia e Departamento de Clínica Médica – Geriatria – da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

Endereço para correspondência:

Olavo Pires de Camargo
Rua Barata Ribeiro, 490 — 3ª andar — conj. 33
Bela Vista — São Paulo (SP)
CEP 01308-000
Tel. (11) 3123-5620
E-mail: olapcama@uol.com.br

Fonte de fomento: nenhuma declarada — Conflitos de interesse: nenhum declarado.

Entrada: 20 de fevereiro de 2018. Última modificação: 20 de fevereiro de 2018. Aceite: 2 de abril de 2018.

sobre sua saúde. Muda o caráter da relação entre médico e paciente”, disse ele, acrescentando que “o médico não será mais o sumo sacerdote”.

A situação dos pacientes que, ao buscar o médico, já se informaram sobre seus sintomas na internet é comum e será cada vez mais frequente; nós próprios agimos assim em tantos campos do conhecimento. Ao invés de lastimar ou hostilizar esse tipo de procedimento, de resto já fixado, o melhor a fazer é utilizar a rede de maneira positiva, divulgando informações institucionais de saúde confiáveis, não travestidas de propaganda pessoal como fazem alguns profissionais, que

possam orientar os pacientes e trazer confiança e uma relação mais aberta e confiante com os médicos.

Alguns velhos médicos com os quais pudemos conviver por muitos anos tinham um verdadeiro patrimônio de sabedoria, curtida em muitas décadas de um exercício abnegado da medicina. Dois deles caberiam neste texto: “A medicina é muitas vezes arte travestida de ciência: não existem dois pacientes iguais” e por final: “as principais virtudes do médico são a paciência e a humildade”.

Creemos que, ao ensinarmos, com o exemplo, que é a única maneira válida, estas virtudes aos nossos alunos, estaremos preparando-os melhor para o exercício da medicina.

REFERÊNCIA

1. Relógio da Apple acha sua vocação na medicina. O Estado de São Paulo. 02 de janeiro de 2018; página B4. Disponível em: <http://link.estadao.com.br/noticias/inovacao,relógio-da-apple-acha-sua-vocacao-na-medicina,70002135796>. Acessado em 2018 (22 fev).